

Memória e espaço: a comemoração do Dia dos Heróis, no Monumento aos Heróis Moçambicanos, na cidade da Beira, província de Sofala

Belchior CANIVETE*

Resumo: Halbwachs mostrou a importância dos lugares de memória e nos disse que não há memória coletiva que não aconteça sem referência a estruturas espaciais, resultantes de construções sociais. Estas análises se tornaram importantes para ajudar a pensar a comemoração do Dia dos Heróis, no Monumento aos Heróis Moçambicanos, na cidade da Beira.

Palavras-chave: Memória coletiva. Espaço. Comemoração. Narrativas.

Memory and space: Heroes' Day celebration at the Monument to the Mozambican Heroes in the city of Beira, Sofala province

Abstract: Halbwachs showed the importance of places of memory and said that there is no collective memory that doesn't happen without reference to spatial structures, resulting from social constructions. These analyses have become important in helping to think about the celebration of Heroes' Day at the Monument to the Mozambican Heroes in the city of Beira.

Keywords: Collective memory. Space. Commemoration. Narratives

O sociólogo francês Maurice Halbwachs foi o primeiro a introduzir formalmente o conceito de memória coletiva na teoria social. Ele enfatizou que a memória é sempre socialmente estruturada e, assim, relacionada aos grupos. É impossível, ele defendeu, uma memória sem os quadros sociais disponibilizados pelos grupos: “O indivíduo convoca lembranças à mente por confiar nos quadros sociais da memória.” (Halbwachs, 1992, p.182). São estes quadros que dão coerência e integridade às memórias. Sem tal apoio, imagens individuais do passado são incertas, incompletas e provisórias. Halbwachs apontou a linguagem, o espaço e o tempo como os quadros sociais fundamentais que estruturam e determinam as memórias individuais.

Em relação ao espaço, a tese defendida por Halbwachs em *Os quadros sociais da memória* (1952, 1992) é a de que há memórias coletivas que estão ligadas a lugares, ruínas,

*Doutorando – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Instituto de Ciências Sociais – UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Campus Maracanã – Rua São Francisco Xavier, 524, CEP: 20550-900, Rio de Janeiro – Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: belchangal@hotmail.com.

paisagens, monumentos e arquitetura urbana, mas também a rituais e comemorações. Em *The legendary topography of the gospels* (1941, 1992), Halbwachs argumentou que a cidade Santa, Jerusalém, foi o resultado da imaginação dos fiéis cristãos sobre determinado lugar. Ele notou que todas as localidades escolhidas pelos peregrinos cristãos como santificadas eram, na sua maioria, locais há muito considerados pelos judeus como sagrados: “A própria imagem tinha de se ajustar às crenças e não aos lugares reais.” escreve Halbwachs (1992, p. 205). O autor procurou mostrar que objetos materiais como pedras, casas e ruas forneceram aos cristãos uma imagem de permanência e estabilidade crucial para a constituição da sua identidade.

Halbwachs mostrou a importância dos lugares de memória e argumentou que não há memória coletiva que não aconteça sem referência a estruturas espaciais, resultantes de construções sociais. Estas análises se tornaram importantes para ajudar a pensar a comemoração do Dia dos Heróis, no Monumento aos Heróis Moçambicanos, na cidade da Beira.

Durante o período de transição para a independência de Moçambique, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), se dedicou à construção de uma memória da luta armada. Na verdade, como sustentou Halbwachs, essa memória coletiva é o ingrediente básico da identidade nacional. O autor explica que para manter uma memória coletiva ativa, “Uma sociedade primeiro de tudo precisa encontrar marcos.” (Halbwachs, 1992, p. 222).

No dia 1º de fevereiro de 1976, a FRELIMO decidiu considerar o 3 de fevereiro, dia da morte de Eduardo Mondlane, primeiro presidente do movimento, como uma data nacional que deveria passar a ser celebrada como o “Dia dos Heróis”. Para a FRELIMO:

A proclamação desta data como o Dia dos Heróis, não é uma homenagem a Mondlane, mas sim, uma homenagem a todos aqueles que lutaram pela independência de Moçambique e que cimentaram com o seu sangue a nossa unidade. Mondlane simbolizava tudo isso. (*Tempo*, 1976, p.5).

A descoberta do espírito nacional e suas manifestações heroicas foram assim simbolicamente ligadas a Eduardo Mondlane. Portanto, sua centralidade para a FRELIMO não era como um indivíduo, mas como um herói a ser celebrado coletivamente.

Em novembro do mesmo ano iniciaram-se as obras de construção de um monumento nacional – a Praça dos Heróis Moçambicanos – para honrar os combatentes da FRELIMO que tombaram no campo de batalha durante a guerra contra o governo português. O santuário nacional foi construído na estrada que liga o Aeroporto Internacional de Mavalane à entrada da cidade de Maputo, a capital do país. Este monumento, construído em forma de estrela, simbolizando o socialismo, foi replicado em todas as províncias e

distritos do país, com algumas variações locais. A memória dos heróis nacionais passou assim a estar firmemente ligada a um lugar espacial. Como defendeu Halbwachs (1992), há lugares que são imbuídos com memórias dos grupos. É por causa da estabilidade destes lugares que as suas memórias permanecem.

O primeiro grande evento memorial na Praça dos Heróis Moçambicanos foi a celebração do “Dia dos Heróis”, em 1979, marcado pela comemoração do 10º aniversário da morte de Eduardo Mondlane, e pela translação dos seus restos mortais e de outros combatentes da luta armada declarados heróis nacionais pela FRELIMO, tais como: Filipe Samuel Magaia, Paulo Samuel Kankhomba, Mateus Sansão Muthemba, Josina Machel e Francisco Manyanga. Evidentemente, foram esquecidos todos aqueles que divergiam da orientação política do partido, ou seja, presos políticos, nacionalistas de outros movimentos e dissidentes da FRELIMO, ainda que tenham participado da sua criação. É na Praça dos Heróis Moçambicanos onde se realizam anualmente as cerimônias oficiais de comemoração das datas nacionais. A comemoração dessas datas permitiu a emergência de novas tradições rituais. As cerimônias oficiais são dirigidas pelo presidente da república e contam normalmente com a presença de dirigentes da FRELIMO e do governo, membros da FRELIMO, nomeadamente, a organização continuadores, a Organização da Juventude Moçambicana (OJM), a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) e a Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN), dignitários estrangeiros e populares. O momento mais solene dessas cerimônias é a deposição de uma coroa de flores no memorial, pelo presidente da república. Os dirigentes da FRELIMO e do governo, e os representantes de países estrangeiros, posicionam-se nas proximidades do espaço cerimonial. Atrás dos dirigentes alinham-se os membros das organizações de massas da FRELIMO, que cantam e dançam músicas revolucionárias do partido, e pelo público em geral.

A cerimônia oficial do Dia dos Heróis, na cidade da Beira, província de Sofala

Em fevereiro de 2014, realizei pesquisa sobre o Dia dos Heróis, na cidade da Beira, capital da província de Sofala, no centro de Moçambique. Vale lembrar que a cerimônia central tem lugar na Praça dos Heróis Moçambicanos, na capital do país, e é transmitida pela Televisão de Moçambique (TVM) – a televisão pública. Na cidade da Beira, a cerimônia oficial do Dia dos Heróis realiza-se no mesmo lugar a cada ano – o Monumento aos Heróis Moçambicanos –, inaugurado em 1981, por Samora Machel, primeiro presidente da República Popular de Moçambique.

Este santuário provincial acolhe praticamente todas as cerimônias promovidas pelo Estado, na cidade da Beira, nomeadamente: o 25 de setembro, Dia das Forças Armadas de Libertação de Moçambique; o 7 de setembro, Dia dos Acordos de Lusaka; o 7 de abril, Dia da Mulher Moçambicana; o 1º de maio, Dia do Trabalhador; e o 4 de outubro, Dia da Paz. O Monumento aos Heróis Moçambicanos é feito basicamente de azulejos e possui uma pirâmide com uma mão segurando uma arma, fazendo lembrar o período de inspiração socialista em Moçambique.

Descrição da cerimônia oficial do Dia dos Heróis

Tive a oportunidade de assistir e filmar a cerimônia oficial do Dia dos Heróis, que se realizou na manhã do dia 3 de fevereiro de 2014. A descrição a seguir baseia-se nas minhas memórias, nas notas que tomei durante a cerimônia, na gravação da cerimônia, e duas entrevistas que fiz com dois membros do Movimento Democrático de Moçambique (MDM).

Durante o percurso até ao Monumento aos Heróis Moçambicanos, deparei-me com várias pessoas, a pé ou em carinhas¹, vestidas com camisetas de campanha eleitoral do MDM, e empunhando bandeiras desta formação política. Nessas camisetas, contendo as cores amarela, verde, azul e branca, estavam estampados o emblema deste partido político e *slogans* como “Beira para todos”, “Moçambique para todos” e “vota Daviz Simango”. Cabe mencionar que Daviz Simango, presidente do Conselho Municipal da Cidade da Beira² (CMCB), foi o candidato presidencial do MDM nas eleições presidenciais de outubro de 2013.

Quando cheguei ao Monumento aos Heróis Moçambicanos, já estavam presentes os trabalhadores do CMCB, alguns membros do MDM e elementos da Polícia da República de Moçambique (PRM). No seu entorno foram colocadas faixas com os títulos “Viva 3 de fevereiro dia dos heróis moçambicanos”, “Viva a memória do arquiteto da unidade nacional Eduardo Mondlane” e “Viva a unidade nacional”. As bandeiras no entorno eram verdes, vermelhas, brancas e amarelas.

A certa altura, os membros do MDM começaram a cantar e a dançar no centro do memorial, na área por onde iria passar o governador da província para depositar uma coroa de flores em homenagem aos heróis nacionais. Durante a *performance* dos membros do MDM, observei, nas proximidades do monumento, cinco jovens da OJM, vestidos de camisetas vermelhas, a cor tradicional do partido FRELIMO. A atuação dos membros do MDM seria momentaneamente interrompida com a chegada de dois policiais da PRM, que pediram aos membros do MDM para abandonarem a zona central do monumento. Durante a conversa entre os agentes policiais e os membros do MDM, um dos jovens da OJM gritou:

“Dá porrada a todos”. Os membros do MDM pareciam ter concordado com a recomendação dos oficiais da polícia, mas, logo a seguir, o número dos seus membros dentro da zona central do memorial foi crescendo enquanto cantavam e dançavam. Em seu relato, João Cebola apontou que os membros do seu partido não abandonaram o centro memorial porque o monumento é propriedade de todos.

A polícia pediu para afastar. Disse vocês não podem pisar aqui. Não saímos porque a praça é de todos nós. Não é da FRELIMO, nem do MDM. É dia dos heróis moçambicanos³[...] Quem costuma provocar são eles. A Renamo não quis participar. Nós dissemos que vamos participar para o povo não nos esquecer. (João Cebola, entrevista concedida ao autor em 2014).

Gradualmente, o monumento foi ficando preenchido. A parte traseira era ocupada pelos membros da OJM e do MDM. À frente, estavam os membros da OMM, da ACLLIN e do governo provincial, quadros do partido FRELIMO e representantes das associações econômicas da província. Repentinamente, começou uma movimentação envolvendo os membros da OJM e do MDM. Cada grupo procurava ocupar um espaço mais amplo, atravessando os espaços onde se encontravam os membros do grupo oposto. Essas movimentações eram incitadas por pessoas que pareciam ocupar posições importantes nas duas organizações. Durante as “invasões territoriais”, os membros do MDM levantavam os dois dedos para o grupo da OJM, em gesto de vitória. Essas disputas territoriais eram acompanhadas por danças e músicas. Os membros do MDM cantavam músicas que realçavam as realizações do governo de Daviz Simango enquanto os membros da OJM entoavam canções revolucionárias da FRELIMO.

A cerimônia iniciou com a entrada da banda militar que entrou entoando uma melodia de uma canção revolucionária. Observei que os membros do MDM parodiavam a melodia cantando:

O povo moçambicano está disposto a trabalhar com o MDM. Simango não chora, Simango não chora.
O povo moçambicano está disposto a trabalhar com Daviz Simango. Simango não chora, Simango não chora.

Depois da entrada da banda militar e de um grupo de soldados das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), seguiu-se a entrada do governador da província de Sofala. O governador foi saudado pelos soldados das FADM enquanto se dirigia ao local onde deveria depositar a coroa de flores carregada por duas oficiais das FADM. Antes de o governador depositar a coroa de flores, a banda militar entoou o hino nacional. Depois do ato solene de deposição de flores, os membros do MDM começaram a cantar “Daviz

Simango tem poder” para os membros do governo provincial que se dirigiam para a entrada da zona central do memorial para cumprimentar o governador. Uma parte dos membros dessa formação política dirigiu-se para o carro do governador da província. Observando que o governador estava terminando de cumprimentar os membros do governo provincial, alguns chefes da polícia retiraram-se da zona cerimonial e dirigiram-se para a estrada, onde se encontrava o carro do governador. Os membros do MDM se encontravam aproximadamente a menos de dois metros da viatura protocolar cantando “Daviz Simango tem poder”. Essa canção era intercambiada com outras cantadas em *ndau*⁴, como, “[...] não há maneira, Simango já ganhou [...]” e “[...] eh, eh, hoje você verá, quem me provocou foi você [...]”

Enquanto isso, os membros da OJM continuavam cantando canções revolucionárias junto aos membros do executivo da província que eram cumprimentados pelo governador. O governador entraria pelo lado oposto ao lado onde se encontravam os membros do MDM, que continuavam cantando e fazendo gestos com os dedos em sinal de vitória. Terminada a saudação, os membros da OJM se viraram para a estrada e se posicionaram do lado esquerdo, onde o governador se preparava para entrar na sua viatura.

A disputa saiu das proximidades do memorial para a estrada, e era agora feita por meio das suas *performances* de dança, gestos e música. De um lado, escutavam-se as canções revolucionárias que exaltavam a FRELIMO e, do outro lado, as canções que exaltavam o domínio do MDM e de Daviz Simango na Beira. Enquanto a comitiva do governador se retirava, ouvi o comandante provincial da polícia exclamar: “Mas estes, isso só dura um minuto”.

A cerimônia terminou com a banda militar entoando uma melodia revolucionária muito famosa no período socialista e performatizada por Samora Machel nas suas aparições públicas. Quando os membros do MDM que se encontravam na estrada perceberam que a banda militar estava abandonando o monumento, rapidamente se aproximaram da banda cantando “não há maneira, Simango já ganhou”. À medida que os membros do governo provincial e outros presentes iam abandonando o santuário, as *performances* dos dois grupos foram perdendo a sua intensidade.

A tese defendida por Halbwachs é a de que objetos materiais conservam memórias. Nessa perspectiva, o referido autor assinalou que:

Concentração num único lugar assim como uma dualidade de locais em várias regiões: estes são meios familiares usados por grupos humanos, não apenas por igrejas, mas também outras comunidades, como as famílias ou nações, com o objetivo de reter e organizar as memórias não só de locais, mas também de eventos, tempos e pessoas. (Halbwachs, 1992, p. 225).

Em *Os quadros sociais*, o sociólogo priorizou o social nas suas análises. A memória do indivíduo depende da sua contínua interação com os membros dos grupos sociais dos quais ele faz parte. Halbwachs sublinha apenas as funções positivas da memória, nomeadamente a de reforço da coesão social, identidade e fronteiras do grupo. A observação que realizei no Dia dos Heróis, no Monumento aos Heróis Moçambicanos, na cidade da Beira, desafia a visão funcionalista de que os espaços são o suporte da memória e contribuem para a coesão social da sociedade. Por que é que os membros do MDM se comportavam assim na cerimônia? O que eles querem alcançar com isto?

O que é preciso focar nessa discussão, penso, é que o espaço não é dado naturalmente, mas percebido e narrado de formas diversas, por meio de narrativas que os indivíduos recebem direta ou indiretamente. No seu último livro, *A memória coletiva*, Halbwachs oscila seu foco de análise ao pensar a memória como um sistema simbólico, sistema de signos, que atravessam gerações e por meio dos quais os indivíduos se percebem e organizam o passado. Ela não necessariamente desempenha uma função. Em outras palavras, ele percebe a sociedade como um vasto sistema de signos. O autor afirmou que o grupo “[...] não é o mesmo que uma soma de indivíduos justapostos [...]” e “[...] não basta pensar que há pessoas reunidas em um mesmo lugar e guardar na memória a imagem desse lugar para descobrir e recordar a que sociedades eles estão ligados.” (HALBWACHS, 2006, p.166).

O antropólogo José Reginaldo Gonçalves, no seu artigo *Monumentalidade e cotidiano: o patrimônio cultural como gênero de discurso* (2002), sugere que, em termos analíticos, talvez seja mais rendoso pensarmos o patrimônio cultural como determinado gênero de discurso, marcado por um conjunto de regras específicas, tais como, vocabulário, gramática, entonação, ritmos, movimentos corporais, etc. Segundo Gonçalves, diferentes grupos sociais têm gêneros de discursos específicos por meio dos quais dialogam com outros discursos. Ele ressalta que é por intermédio desses discursos que elaboramos nossas formas de autoconsciência individual e coletiva (2002, p. 110). Nessa perspectiva, interessa ver como as pessoas elaboram a sua autopercepção. Para exemplificar a sua tese, o antropólogo construiu os princípios da “monumentalidade” e “cotidiano”. De acordo com o seu esquema, os discursos do patrimônio cultural podem ser interpretados como narrativas articuladas em torno desses dois discursos. O autor assinala que o discurso da monumentalidade é desenvolvido nos meios intelectuais e produzido por empreendimentos políticos e ideológicos. Este discurso é centrado especialmente na espiritualidade, na imaterialidade, na hierarquia e na etiqueta. Ao passo que o gênero de discurso cotidiano surge da experiência cotidiana e da memória biográfica, e se centra particularmente no corpo, na materialidade, na irreverência e no riso. Ele ressalta que esses gêneros, não

chegam a ser monopólio de um ou de outro grupo (2002. p.107). Se, por um lado, um tipo de arquitetura, culinária, festa, artesanato, música, pode ser juridicamente reconhecido pelo Estado como “patrimônio cultural”, por outro lado, os discursos de patrimônio cultural produzidos por empreendimentos políticos podem ser reinterpretados pelas culturas populares. Gonçalves insiste que devemos prestar atenção ao conjunto de regras de cada um desses discursos, pois esses gêneros discursivos têm diferentes concepções de patrimônio, tempo, espaço, subjetividade, entre outras características.

Em relação ao espaço, Gonçalves não tem dúvidas de que “[...] cada uma dessas estratégias narrativas vai trazer consequências diferentes quanto ao modo de se conhecer o espaço público.” (2002, p. 121). Neste sentido, quando narrado sob o registro da monumentalidade, o espaço público será percebido como monológico, policiado e fechado. Na narrativa cotidiana, por seu turno, ele será concebido como um espaço mais aberto e polifônico. Nas palavras de Gonçalves (2002, p.121),

No primeiro caso, na medida em que o patrimônio representa a nação como uma totalidade, o espaço público é pensado como um espaço sem conflitos, porque sem diferenças, sem pluralidade, com todos os seus elementos remetidos ao valor hierarquicamente superior, que é a nação, seu passado e sua tradição.

Já no caso das narrativas articuladas no registro do cotidiano, o espaço público tende a ser pensado como dividido pela diversidade de pontos de vista, pela diversidade dos gêneros de discurso que nele circulam. A nação não é vista como algo acabado, cuja essência seria representada pelo patrimônio. Ela é pensada como heterogênea e em permanente processo de transformação e os patrimônios fazem parte do dia-a-dia da vida dos diversos segmentos sociais.

A perspectiva de Gonçalves permite refletir sobre as observações realizadas durante a minha pesquisa sobre a comemoração do Dia dos Heróis, no Monumento aos Heróis Moçambicanos, na cidade da Beira. Uma hipótese seria a variedade de classificações de espaço e multiplicidade de memórias dos diversos grupos. Assim, para os partidários da FRELIMO – membros do governo provincial, da direção do partido na província, da OJM, OMM e ACLLN –, tal espaço é percebido como homogêneo, sem disputas, marcado pelo controle explícito da palavra, dos gestos e vestimentas, onde os espaços são bem marcados e os modos de participar na cerimônia estão prescritos. Nessa perspectiva, a comemoração oficial do Dia dos Heróis, no Monumento aos heróis Moçambicanos – um lugar de memória institucionalizado pelo governo provincial –, reforçaria a identidade e a unidade nacional.

Para os membros do MDM, porém, esse mesmo espaço é percebido como heterogêneo, “ou de todos”, para usar o “discurso nativo” de João Cebola, criativo e festivo. Os membros do MDM ignoram os gestos, *performances* e vestimentas dos membros da

FRELIMO. Flora Manuel, uma das lideranças do MDM na cidade da Beira, questionou por que é que eles deveriam cantar as músicas da FRELIMO e não as suas. Ela afirmou peremptoriamente que nunca cantariam as músicas da FRELIMO nas comemorações oficiais.

A FRELIMO anda a monopolizar as comemorações nacionais. A comemoração é de todos moçambicanos, não deles. Desde que surgiu o MDM, nós sempre vamos às comemorações com as camisetas e bandeiras do partido. Se eles cantam as suas músicas, porque é que nós não podemos cantar as nossas? Nós nunca aceitaremos cantar as músicas deles! Você viu o que aconteceu no dia 25 de setembro, na Praça da Independência? Não nos deixaram dançar. Eles montaram um palco, na praça, e nós pedimos para dançar. Eles seguiram com o programa e as pessoas acabaram por entrar no palco para dançar. (Flora Manuel, entrevista concedida ao autor em 2014).

Além do mais, a perspectiva de Gonçalves rompe com as narrativas que se apoiam em uma ideia de história linear, homogênea, progressiva de fatos, grandes feitos e atos heroicos. Desse ponto de vista, não só podemos falar de um espaço polifônico, mas também de múltiplas memórias. Podem surgir narrativas que não foram ainda enquadradas ou não foram trazidas para o espaço público – a “memória involuntária”, de Proust; a “memória subterrânea”, de Pollak; ou a “memória dos vencidos”, de Benjamin –, que se opõem à memória nacional, objetivada e controlada. Essas memórias, como bem sustentou Pollak (1989, p. 4), “[...] prosseguem o seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível [...]”, e emergem em períodos de crise.

Em seu relato, Flora Manuel questionou o fato de o nome de Uria Simango, pai de Daviz Simango, não ser exaltado como um herói nacional. Embora não tenha conhecido Uria Simango, ela afirmou que obteve informações de Uria Simango por intermédio de pessoas que conviveram com ele em vida. Flora Manuel disse, ainda, que essas pessoas sublinharam que Uria Simango era “um grande homem”. Ela também questionou algumas narrativas da FRELIMO sobre a luta armada, como “o primeiro tiro”, defendendo que o objetivo do MDM era apresentar a interpretação histórica mais real.

Uria Simango nunca aceitou dividir os moçambicanos. Nessas comemorações eles falam de Eduardo Mondlane, mas não falam de Uria Simango. Uria Simango foi vice-presidente da FRELIMO, ele também lutou para libertar os moçambicanos. Nós queremos que também falem o nome dele nessas comemorações. Você conhece Alberto Chipande? O homem que deu o primeiro! Onde é que ele está agora? Nós queremos conhecer a história real. (Flora Manuel, entrevista com o autor, 2014).

Recebido em: 21/10/2016

Aprovado em: 30/01/2017

NOTAS

¹ Veículos de caixa aberta, muito populares em Moçambique. São usados para o transporte de passageiros e de mercadorias.

² Prefeito da cidade

³ Entrevista, 5 de fevereiro de 2014

⁴ O segundo maior grupo étnico-linguístico da província de Sofala, no centro de Moçambique

REFERÊNCIAS

ATANÁSIO, João. 3 de fevereiro proclamado dia dos heróis nacionais pelo Comitê Central da FRELIMO. Tempo, Maputo, 1 fev. 1976, p. 5.

CEBOLA, João: depoimento [fev. 2014].

Entrevistador: B. Canivete. Beira, 2014. 1 cassete. Entrevista concedida no âmbito da pesquisa de doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da universidade do Estado do rio de Janeiro.

Entrevistador: B. Canivete. Beira, 2014. 1 cassete. Entrevista concedida no âmbito da pesquisa de doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da universidade do Estado do rio de Janeiro.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Monumentalidade e cotidiano: o patrimônio cultural como gênero de discurso". In: Cidade: história e desafios. OLIVEIRA, L.L. (Org). Pp. 108-123, CNPq/FGV, 2002.

HALBWACHS, Maurice. On collective memory. Chicago, The University of Chicago press.1992.

_____. A memória coletiva. "Cap. IV: A memória coletiva e o espaço". Pp. 131-160. Rio de Janeiro, Vértice. 2006.

MANUEL, Flora: depoimento [fev. 2014].

Entrevistador: B. Canivete. Beira, 2014. 1 cassete. Entrevista concedida no âmbito da pesquisa de doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da universidade do Estado do rio de Janeiro.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". In: Estudos Históricos. Vol. 2. No. 3. Pp. 3-14, Vértice, 1989.